

CHACON, Vamireh

## HISTÓRIA DAS IDÉIAS SOCIOLÓGICAS NO BRASIL

Edusp – Grijalbo, São Paulo, 1 977.

Esta obra é chamada pelo próprio autor de ensaio sobre a História da Sociologia não enquanto técnica de pesquisa ou método de ensino, “e sim como ciência, onde as duas dimensões não estão ausentes, porém subordinadas a uma global visão epistemológica. Por outras palavras: Histórias das Idéias e História da Ciência, eis o que pretendemos fazer aqui”. Pretende ser sugestão para futuros historiadores do ramo. Insere-se na coleção de História das Idéias organizada por Miguel Reale.

O autor retoma a História a partir da segunda metade do século XX quando principiava a maturação da Sociologia no Brasil. Toma apenas como ponto de referência os autores estrangeiros para demarcar a evolução do pensamento nativo, que apesar das múltiplas influências demonstra crescente autonomia e resultados inesperados. O ensaio aparece conciso, claro e didático. A leitura é útil não só para estudantes de Sociologia, mas igualmente para quem se preocupa em conhecer as ideologias subjacentes à formação do povo brasileiro, na sua trajetória de dependência e autonomia em relação ao pensamento europeu e norte-americano.

O cap. I fornece os dados da Escola de Recife, sem discutir a sua designação, se houve ou “não” uma “Escola” ou seus integrantes tiveram um papel maior ou menor na cultura brasileira. Destacam-se pelo seu antimecanicismo e antipositivismo, principalmente o de Tobias Barreto.

O cap. II mostra a influência de A. Comte na cultura brasileira, através de Benjamim Constant. É a Sociolatria. O estado brasileiro sofreu sua influência, basta notar a ideologia dos republicanos. As escolas do final do século formaram gerações nessa ideologia. O autor destaca em São Paulo Alberto Sales, que elaborou um catecismo positivista.

Mas a Sociologia nasceu no Brasil mais por influência de Spencer ( cap. 3 ), ou seja, o darwinismo social: a luta pela vida e a seleção das espécies traduzidas em termos históricos. Tal doutrina de feições classistas caiu como uma luva para a emergente burguesia brasileira narcotizada pela idéia do progresso e por sua ascensão ao poder.

Não faltou a presença de positivismos e evolucionismos menores ( cap. 4 ), mostra o autor. Decorre disso uma concepção elitista e antipopular. A seleção das espécies significa valorizar a aristocracia e a oligarquia.

A presença de Durkheim ( cap. 5 ) se faz sentir através de Paulo Egydio de Oliveira Carvalho, denominado o primeiro sociólogo brasileiro sem divagações e filosofismos. É Fernando de Azevedo o grande apóstolo de Durkheim divulgando a Sociologia. Todavia, elabora uma síntese com Marx. Se para Durkheim a Sociologia é ciência que não implica qualquer idéia ou atitude política, para Marx é uma necessidade que decorre da compreensão da realidade sócio-econômica. A visão sintética se torna mais completa e mais profunda.

As Faculdades de Direito fornecem o primeiro berço de aprendizado sistemático da Sociologia no Brasil ( cap. 6 ). Foi gerada, em conseqüência, a Sociologia do Direito. Estava ali presente o darwinismo social e suas implicações, já que se formavam juristas e estadistas do Império.

O cap. 7, "O Impacto de Marx", fala da ilegalidade a que são submetidos os pensadores que a ele se filiam, daí a dificuldade de criatividade. Predomina o marxismo metodológico sobre o confessional.

O cap. 8 retrata a multiplicidade de influências de idéias no Brasil. Pareto entrou através de Hermes Lima, Freyer através de Gilberto Freyre. O positivismo revigorou-se com Pontes de Miranda. O catolicismo através de Alceu Amoroso Lima. Há que se destacar também as proposições de Fernando de Azevedo, Anísio Teixeira e A. Carneiro Leão a partir de Froebel, Pestalozzi, Montessori, Dewey, Binet e Simon. Enfim, houve quase uma babel, conclui o autor, com o florescimento de inúmeras escolas, grupos, tendências, doutrinas e métodos, o que não significa confusão, mas possibilidade de novos caminhos através do diálogo com a realidade circundante.

O cap. 9 refere-se à contribuição do empirismo, destacando-se as ciências humanas como ferramenta do progresso social. As faculdades de ciências sociais surgem porque são necessárias às elites dirigentes os técnicos para pensar e agir harmoniosamente com o interesse da expansão econômica do estado e do país na função de orientar e dirigir essa expansão. Daí, a importância da operacionalidade e, em conseqüência, a sociografia. Destacam-se as universidades e fundações norte-americanas na formação desses técnicos. A Sociologia, assim concebida, é uma disciplina essencialmente descritiva e tautológica, e não quer questionar as bases da estrutura do país. As ciências

sociais tornam-se, pois, pílulas bem dosadas para fins de exploração econômica e política, bloqueando as transformações sociais.

O cap. 10 refere-se às repercussões do historicismo, o qual se não é estranho no Brasil, também não exerceu influência preponderante. Destaca a preocupação de G. Freyre em historiar o povo e não os heróis e sua posição culturalista em oposição ao naturalismo positivista. Ressalta a preocupação do I.S.E.B. em nacionalizar a reflexão brasileira em luta contra o colonialismo intelectual.

O cap. 11 compara Max Weber com Marx, afirmando que um completa o outro. Destaca os sociólogos brasileiros influenciados por ele.

O cap. 12 trata da Sociologia crítica e da Sociologia empírica, referindo-se a Florestan Fernandes, o qual assume posição revolucionária após ter trilhado pelo reformismo. A Sociologia crítica, através dos membros do CEBRAP, tem papel de destaque. O diálogo com sociólogos internacionais mantêm-se vivo, diversificando-se as influências. Assim, a crise da sociedade burguesa aflige também a Sociologia no Brasil e dela resulta uma fermentação crítica e enriquecedora para a realidade latino-americana.

Ressalta-se, no decorrer da obra, a conotação de classe que é dada à formação da cultura brasileira, através do positivismo e do evolucionismo. A importação do pensamento europeu e norte-americano, acentuando a dependência superestrutural ideológica, vem favorecer a burguesia brasileira. Nota-se a contribuição para esclarecer a origem das ciências sociais no Brasil, a que elas estão ligadas e que interesses as movem.

O autor não menciona a "teoria da dependência", que no dizer de Achim Schrader, pode ser entendida como a declaração de independência da Sociologia latino-americana. Saiu-se do beco sem saída da mera adaptação do pensamento importado. Pelo contrário, passou-se a se exportar a criatividade nativa. Fernando Henrique Cardoso chegou a falar no consumo da "teoria da dependência" nos EUA.

Afinal, cumpre notar que a obra é rica em referências a nomes destacados do pensamento sociológico brasileiro, fornecendo um quadro bastante completo para futuras pesquisas no setor e para o conhecimento da nossa própria realidade.

**Antônio Carlos Bergo**

## SUMÁRIO DO 1º VOLUME

- Alfonso Trujillo FERRARI, Valores Sociais: filosófica e sociologicamente encarados, **1 (2): 75 – 88.**
- Amaury CASTANHO, Direitos Humanos na Sagrada Escritura, **1 (1): 69 – 76.**
- Antonio Carlos MAZZEO, O estruturalismo e a opção tecnocrática, **1 (3): 79 – 88.**
- Antonio Joaquim SEVERINO, A questão da autenticidade da filosofia brasileira, **1 (1): 43 – 51.**
- Ary NEPOTE, Trabalho sobre textos: Mendeleiev e Weatherall, **1 (2): 107 – 114.**
- Azael Duarte MARTINS, Jhering: A luta pelo direito, **1 (4): 107 – 114.**
- Carlos Lopes de MATTOS, Monismo ou Pluralismo ? **1 (4): 89 – 92.**
- Claret Rocha de Toledo PIZA, O conceito da liberdade na carta aos Gálatas, **1 (1): 107 – 113 – 1 (2): 121 – 136.**
- Constança Marcondes CESAR, A crítica de Lukács a Heidegger, **1 (1): 53 – 57.**  
 A crítica de Bachelard á duração bergsoniana, **1 (2): 09 – 16.**  
 A influência de Bruschvig em Bachelard, **1 (3): 41 – 70.**
- Ernst BLOCH, O homem como possibilidade, **1 (2): 29 – 42.**
- Florindo STELA, A ansiedade existencial para Paul Tillich, **1 (3): 123 – 128.**
- Francisco de Paula SOUZA, O homem e a verdade, **1 (1): 59 – 67.**  
 O pensamento contemporâneo e a definição clássica de verdade, **1 (2): 89 – 100.**  
 A doutrina aristotélico-tomista da ciência, **1 (4): 01 – 88.**
- Gabriel Lomba SANTIAGO, As múltiplas direções da Filosofia contemporânea, **1 (3): 11 – 24.**
- Hilton JAPIASSU, Por uma Filosofia da Psicologia, **1 (3): 71 – 78.**
- João Carlos NOGUEIRA, A linguagem como verdade do homem: uma tarefa simplesmente humana, **1 (1): 11 – 33.**  
 Heidegger ou os novos caminhos da Filosofia, **1 (3): 25 – 40.**

João Francisco Regis de MORAIS, Religião, educação e ciência no século XX ( aspectos ), 1 (1): 77 – 88.

Oswald Spengler: o acidente agônico, 1 (3): 89 – 112.

José Antonio Moraes BUSCH, Caminhos da Pastoral Universitária na Pontifícia Universidade Católica de Campinas, 1 (3): 129 – 142.

José Augusto da Silva Pontes NETO, A emergência da psicologia humanista, 1 (2): 101 – 106.

Maria Tereza Penteado CARTOLANO, A filosofia na formação do professor do 2º Grau. 1 (4): 115 – 132.

Newton Aquiles Von ZUBEN, Projeto e utopismo dialógico: uma questão antropológica, 1 (4): 93 – 106.

Olga de SÁ. O caráter estético dos símbolos religiosos e o caráter religioso dos símbolos estéticos, 1 (2): 67 – 74.

Paulo B. BARROS e Paulo BIANCHESI, Comentário sobre as implicações metodológicas ao pensamento rogeriano, 1 (2): 115 – 120.

Pierre FURTER, As várias faces de Ernst Bloch, 1 (2): 17 – 28.

Ruben ALVES, Pesquisa: para quê ? 1 (1): 35 – 41.

Religião: patologia ou busca de sanidade ? 1 (3): 113 – 122.

Sully URBACH, Ética e Pesquisa Média, 1 (1): 101 – 106.

Tarcísio MOURA, O mito, matriz da arte e da religião, 1 (1): 89 – 100.

A visão existencialista na interpretação da realidade histórica da Salvação, 1 (2): 43 – 66.